

Os Cavaleiros Templários na Televisão: Análise da representação da Ordem do Templo na série de TV KNIGHTFALL: A Guerra do Santo Graal (2017-2019)

Arthur Benicio de OLIVEIRA MELLO¹

Resumo: O presente artigo apresenta as investigações realizadas no Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para cumprimento da graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), realizado sob a orientação da Profa. Dra. Flávia Aparecida Amaral. A série *Knightfall*: a Guerra do Santo Graal retrata os anos finais da Ordem do Templo e a perda da relíquia do Santo Graal. Dentro do potencial de alcance de séries de televisão, por meio de *streaming* e serviços de TVs por assinatura, a pesquisa tem como objetivo investigar como é a representação da organização na série de televisão, discutindo com autores medievalistas e trazendo trechos da série, de modo a entender como essa mídia pode reforçar teorias de conspirações atuais ao longo de suas duas temporadas.

Palavras-chave: *Knightfall*, Idade Média, Templários.

¹ Bacharel em Humanidades (2019) e Licenciado em História (2021) pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Atuou como Professor Substituto de História no Ensino Médio Técnico e Tecnológico (EBTT) no IFMG - Campus São João Evangelista entre 2024 a 2026. Atualmente é professor no ensino médio na rede particular de ensino, Diamantina, MG, Brasil. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8034817161595671>. E-mail: arthur.benicio@ufvjm.edu.br.

The Knights Templar on Television: Analysis of the representation of the Order of the Temple in the TV series KNIGHTFALL (2017-2019)

Abstract: This article presents the investigations carried out in the Course Completion Work as a requirement to complete the graduation of the Degree in History at the Federal University of Vales do Jequitinhonha and Mucuri (UFVJM), carried out under the guidance of Profa. Dra. Flávia Aparecida Amaral. The Knightfall: The Holy Grail War series depicts the final years of the Order of the Temple and the loss of the Holy Grail relic. Within the potential reach of television series, through streaming and subscription TV services, the research aims to investigate how the organization is represented in the television series, discussing with medievalist authors and bringing excerpts from the series, in order to understand how this media can reinforce current conspiracy theories throughout its two seasons.

Keywords: Knightfall, Middle Ages, Templars

1 - Introdução

A Idade é frequentemente associado a um período de trevas, atrasos, violência e domínio absoluto da Igreja Católica, mesmo quando esses adjetivos já são ultrapassados pela Historiografia. Hilário Franco Junior, ao conceituar a nomenclatura Idade Média afirma que “foi o século XVI que elaborou tal conceito” (Franco, 2001).

Segundo o autor:

Portanto, o sentido básico mantinha-se renascentista: a ‘Idade Média’ teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. Ou seja, também para o século XVII os tempos ‘medievais’ teriam sido de barbárie, ignorância e superstição (Franco, 2001, p.10).

Ainda assim, essa temporalidade é utilizada para cenários de filmes, série, jogos e na estética de grupos musicais. A Idade Média representada é muito diferente do período estudado pelos historiadores e, em alguns casos, ocorre a criação de mundos fictícios baseados em costumes e práticas atribuídos ao período. Essas representações acabam por repercutir um modelo imaginário do medievo, construindo uma visão marcada por fantasias, simplificações e preconceito, muitas vezes herdados de períodos e autores posteriores à temporalidade retratada.

Um dos objetos que podem ser utilizados nessas narrativas é a Ordem dos Templários, ordem monástico-militar fundada na cidade de Jerusalém após a Primeira Cruzada (1096-1099). Lendas e mistérios cercam essa ordem militar, alimentando teorias de conspiração e fazendo roteiristas e autores atribuir à Ordem do Templo um caráter místico e esotérico. Apesar de haver ordens similares, como a Ordem dos Hospitalários e os Teutônicos, as circunstâncias de supressão da Ordem do Templo – membros acusados de realizar atos heréticos, rituais de magia e adoração a ídolos pagãos – e a prisão de seus membros faz com que cresçam as histórias míticas e fantasiosas em torno dos membros da organização.

José Rivair Macedo, em seu livro “A Idade Média no Cinema” (2009) postula a existência de dois conceitos para diferenciar as representações da Idade Média: as Reminiscências Medievais e as Medievalidades. O primeiro conceito é definido como “entender as formas de apropriação dos vestígios que um dia pertenceu ao Medievo, alterados e/ou transformados com o passar do tempo” (Macedo, 2009). Ou seja: tradições, festas e costumes do período medieval, assim como os edifícios

arquitetônicos, a saber: castelos, mosteiros, pontes etc. São esses elementos originalmente criados durante o período medieval e preservados até hoje que podem ser considerados Reminiscências. Já as Medievalidades, como aponta o autor, se trata da utilização do período medieval como uma referência, muitas vezes, carregadas de estereótipos. Dessa forma, se constrói uma inspiração imprecisa de elementos ditos medievais que se manifestam na indústria cultural e nos meios de comunicação de massa. Ele cita os jogos eletrônicos assim como a referência medieval em conjuntos musicais, desde a estética do *heavy metal* dos anos 1970 até mesmo a música *pop* como sonoridade “medieval” dos anos 1990.

Dentro da discussão da Medievalidade e a cultura de massa, é preciso destacar o trabalho de Robert Rosenstone, em seu livro “A história nos filmes, os filmes na história” (Paz e Terra, 2012) que discute a relação entre filmes e história de forma a entender a visão histórica dos filmes assim como a visão cinematográfica da história. O autor pontua que os filmes afetam a forma como vemos o passado e que a produção cinematográfica, enquanto fonte, não elimina as formas antigas (textos, documentos, atas, pinturas). Aliado a Rosenstone, também é preciso destacar a contribuição de Marc Ferro, em seu livro “História e Cinema” (Paz e Terra, 1992). Ferro, ao analisar determinada obra cinematográfica, aponta alguns caminhos metodológicos, entre eles, a consciência que o filme irá dizer mais sobre o período que está sendo produzido o filme do que, necessariamente, o período histórico retratado. Sendo assim, é possível que muitas representações da Idade Média nos filmes contenham elementos que remetem a contemporaneidade como, por exemplo, o filme “Robin Hood: A Origem” (Lionsgate, 2018) na cena onde Robin de Locksley está lutando na Terceira Cruzada. Embora haja a referência do conflito ocorrido durante o final do século XII (1189-1192), Robin e seu esquadrão de arqueiros manejam os arcos como se fossem fuzis do século XXI e enfrentam uma “metralhadora” que dispara flechas.

No artigo intitulado “*Somos bárbaros, guerreiros, magos e feiticeiros: a Idade Média revisitada nos games*” dos professores Rafael Delgado Gomes Ottati e Marcio Marcio Felix Freitas Filho (Revista ComparArte, 2017), discute a Idade Média como cenário para jogos de tabuleiro, seja dentro dos RPGs (*Roleplaying Games*), os jogos de cartas e, também, jogos de computador. A influência das obras de John Ronald Reuel

Tolkien (1892-1973) ajuda a reanimar e tornar popular o imaginário medieval com suas histórias de fantasia, com histórias contendo criaturas fantásticas, línguas fictícias criadas pelo autor, espadas nomeadas e outros elementos que seriam característicos desse tipo de literatura. Isso contribuiu para que, durante a década de 1970, o jogo de RPG *Dungeons & Dragons* fosse criado. Nesse jogo, os participantes representem seus personagens e é ambientado em um universo de fantasia medieval. Um aspecto importante presente no jogo no universo de *Dungeons & Dragons*, segundo esse artigo, é a presença da nobreza cavaleiresca, mesmo que de forma romantizada. O cavaleiro, muitas vezes representado na classe do Paladino, surge com ideal de bravura, coragem, fidelidade e dever. Sua índole é a mais correta dentre os outros personagens e, geralmente, o Paladino está ligado a uma ordem de guerreiros, a qual presta um juramento. A presença dessas ordens, ou guildas, dentro do jogo faz com que seus membros tenham certas vantagens e obrigações e, segundo os autores, se apropria da ideia de hierarquização na sociedade medieval, uma vez que seus membros seriam como seus representantes, seja “inspirando coragem ou incutindo medo” (Ottati; Filho, 2017).

Outro aspecto apontado no artigo é a ideia do imaginário medieval ser povoado por monstros e feras mitológicas, como dragões, sereias, gárgulas e outros. Jogos como *Magic: The Gathering*, jogo de cartas colecionáveis para se batalhar contra outros jogadores, possuem essas feras em seus baralhos. Desse modo, há a inspiração nos bestiários medievais, livros em que se faziam registros de animais reais ou imaginários, e nos contos onde cavaleiros lutavam contra monstros e outras criaturas a fim de cumprir a sua demanda. Na literatura, temos a série do escritor polonês Andrzej Sapkowski, intitulada “A Saga do Bruxo Geralt de Rívia”, onde o protagonista faz parte de um grupo de seres treinados desde a infância com magia e feitiços para se tornarem caçadores de criaturas, conhecidos como Bruxos, ao redor dos reinos e impérios do Continente.

Dessa forma, há inúmeras utilizações do imaginário medieval, tanto para representar mundos fantásticos baseados no mundo medieval, como para reproduzir histórias baseadas em fatos desse período. A Idade Média acaba sendo representada de

forma simplista e preconceituosa, onde conceitos e impressões historiográficos não são levados em conta a fim de produzir apenas uma referência do que seria o medieval.

Os Cavaleiros Templários: prisão e construção do mito

A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, comumente chamada de Ordem dos Templários ou Ordem do Templo, foi uma ordem militar criada no ano de 1120 por Hugo de Payens em conjunto com oito cavaleiros para proporcionar segurança para os peregrinos que se dirigiam até Jerusalém. Após o Concílio de Troyes, em 1129, a Ordem do Templo foi legitimada e passou a contar com o apoio de inúmeros nobres europeus, seja financeiro ou por meio de doações por parte da nobreza europeia e também pelos benefícios concedidos por uma série de bulas papais, a Ordem dos Templários cresceu em números, influência e riqueza, mesmo seus membros realizando votos de castidade e pobreza.

Desde a Queda de Acra em 1291, debates sobre a real função das ordens militares estavam cada vez mais frequentes e a fusão da Ordem dos Templários e da Ordem dos Hospitalários era uma opção cada vez mais viável. Os dois Grão-Mestres das Ordens foram consultados, mas declinaram da proposta. Rumores sobre acusações de heresia praticados pela Ordem do Templo chegaram aos ouvidos do rei francês que desejava se apropriar da riqueza do Templo. Práticas como a renegação de Cristo, recusa dos sacramentos, idolatria, práticas obscenas e sodomia, quebra do sigilo dos capítulos, enriquecimento ilícito da ordem faziam parte das iniciações dos membros da Ordem do Templo. Para proteger a França da heresia dos Templários, o rei emite ordens de prisão para os membros da ordem na França a partir de 14 de setembro de 1307, sendo mantidas em sigilo. Em 13 de outubro do mesmo ano, os Templários franceses são presos. Jacques Demolay, Grão Mestre do Templo e presente na França naquele momento, é preso juntamente aos seus companheiros. Segundo estimativas de Clemente V na época, cerca de dois mil Templários no Reino de França foram presos.

Quais os motivos para a acusação dos Templários sob as suspeitas de heresia? Partner não acredita que os principais motivos seriam somente financeiros. Ainda na

época das prisões, algumas pessoas não acreditavam nas acusações de heresia. O autor dá o exemplo do político genovês Cristiano Spinola que dizia que:

as verdadeiras razões de rei Filipe contra os templários eram as esperanças de tomar-lhes o dinheiro, e também de unir as duas ordens militares do Templo e do Hospital numa única, que seria controlada por alguém da família real francesa (Partner, 1991, p. 73)

Sendo assim, além dos motivos financeiros, é apresentado que a recusa da união das duas ordens poderia ser um motivo razoável para a perseguição da Ordem Templária. Com a união das duas ordens militares, o controle passaria a ser exercido pela Coroa Francesa. Entretanto, o mesmo destino não caiu sobre a Ordem dos Hospitalários (que existe até os dias atuais como Ordem de Malta). Apesar de motivos fortes, Partner não acredita que tenham sido decisivos no processo de prisão dos Templários. Alain Demurger, ao contrário de Peter Partner, concorda que as causas das falsas acusações de heresia cometidas pelos Templários foram levadas por motivos financeiros e pela recusa da fusão das duas ordens.

Portanto, apesar dos planos de fusão das ordens terem sido frustrados, esse motivo não foi o estopim para a perseguição da Ordem dos Templários. A suspeita da perseguição por motivos financeiros parece ser a mais plausível, por isso, há um plano para a prisão dos mesmos. Após um longo processo, a Ordem é suprimida em 1312 pela *Bula Vox in Excelso* e suas lideranças (Jacques Demolay e Geoffrey de Charney) são condenados à morte na fogueira. As circunstâncias e motivos que levaram à prisão dos Templários alimentaram teorias e discursos associando os Templários ao uso de magia e rituais macabros. Com o passar dos anos, a Ordem dos Templários seria considerada tanto culpada de seus crimes de heresia quanto considerada inocente e vítima de uma conspiração política motivada por avareza e cobiça.

Durante o Renascimento, materiais publicados afirmavam a ligação dos membros da Ordem com magia negra e associação a bruxaria. Autores como Agrippa de Nettesheim e Guillaume Paradin ajudavam a construir esse esoterismo da Ordem do Templo ao fazer essas associações. Seus escritos ajudavam a manter a visão preconceituosa acerca da Ordem do Templo. Ainda assim, outros autores, como George Buc e Elias Ashmole escrevem obras favoráveis aos Cavaleiros Templários, uma vez que o Renascimento também produziu uma visão dos Templários enquanto perseguidos

e injustiçados. Essas obras, de certa forma, elogiavam os Templários e os colocavam como parte de uma cavalaria saudosa. Nas palavras de Partner: “à medida que os homens do Renascimento se habituavam ao cheiro de pólvora, começavam a ver a cavalaria medieval com uma espécie de romantismo irônico” (Partner, 1991). Assim, a nostalgia do período também produziu materiais favoráveis aos Templários e aos seus membros.

O mesmo não se seguiu durante os séculos XVII e XVIII, onde textos que apontavam os Cavaleiros Templários como criminosos e praticantes de magia circulavam pela Europa. Apesar do Iluminismo prezar pela racionalidade, rechaçando qualquer tipo de superstição, não conseguiu desvincular totalmente a Ordem do Templo. Aliados a superstição, havia uma fascinação pela cavalaria medieval, replicada nos círculos da nobreza que, naquele período, passava por crises financeiras e, por isso, vendiam títulos de nobreza para uma burguesia que ficava rica e desejava se tornar parte desse círculo social. Dessa forma, funcionários públicos, comerciantes e advogados acabam por ingressar nos círculos da nobreza por meio da compra de títulos.

É nesse contexto que surge a francomaçonnaria no século XVIII que vai trazer os primeiros mitos desse grupo como herdeiro dos conhecimentos supostamente obtidos e guardados pelos Templários. Essa associação não foi criada de imediato, mas ao longo do tempo, uma suposta relação entre a cavalaria e a maçonaria foi criada para “enobrecer” a ordem maçônica. Características como a ideologia inspirada na arquitetura do universo, seus membros sendo tratados por irmãos (demonstrando um sentimento de igualdade) e também poderiam ser instruídos e esclarecidos, mas não significava ser pessoas cultas que buscavam conhecimento através dos livros e da cultura. Suas reuniões diferiam “dos clubes destinados meramente a comidas e bebidas” (Partner, 1991, p. 111). Apesar da maçonaria não se tratar de uma ordem de cavalaria, ela poderia utilizar os símbolos históricos dessa organização para servir de referência por esses indivíduos, como “uma fantasia histórica a serviço de um novo simbolismo idealista” (Partner, 1991, 112). Ainda que não houvesse uma aproximação entre os maçons e a cavalaria, Chevalier Ramsay (1686-1743), escritor escocês que viveu a maior parte da sua vida na França, traz a associação ao afirmar que a maçonaria teria suas raízes nos antigos conflitos das Cruzadas. Para defender seu argumento, ele aponta

semelhanças entre as duas ordens, como os cruzados serem também pedreiros (*maçon*, em francês significa pedreiro) e o caráter internacional da maçonaria lembrar as das ordens nas Cruzadas. Além dessas semelhanças, Ramsay afirma que os maçons teriam ligações com conhecimentos antigos relacionados ao Velho Testamento, aos mistérios do Antigo Egito e também ao conhecimento da construção do Templo de Salomão. Utilizando da oposição entre os cruzados e os “sarracenos”, ele garante que os “maçons cruzados” seriam os mais indicados para guardar esses segredos, e não os “sarracenos” por serem considerados indignos.

Ramsay iniciou, então, uma associação entre a maçonaria e a cavalaria, mas não foi o único a pensar dessa forma. Apesar de não estabelecer essas supostas ligações aos Cavaleiros Templários por estes ainda terem uma má fama no território francês. Isso não impediu, por exemplo, suposições e ligações da Ordem do Templo com a maçonaria no Sacro Império Romano Germânico. Os Templários nessa região não sofreram como na França, chegando a ter um impasse e os Templários chegaram até mesmo, a serem considerados inocentes. Assim, no contexto da Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763), mitos templários são criados e perpetuados por um prisioneiro alemão chamado Samuel Rosa e um pastor germânico para servir as “necessidades rituais das lojas maçônicas” (Partner, 1991). Outros mitos teriam surgido ainda naquela década de 1760, como do escocês de nome George Frederick Johnson que alegava ter acesso a conhecimentos secretos dos Templários.

O templarismo criado no Sacro Império se difunde pelas lojas maçônicas da Europa. Karl Gotthelf von Hund (1722 – 1776) e Johann August Starck (1741 – 1816) serão responsáveis por propagarem a ideia nas lojas maçônicas e conferindo ao movimento uma forte carga de esoterismo e teosofia, fundando movimentos como a Estrita Observância e a ideia dos Cônegos Templários. Segundo esses movimentos, os Templários e a maçonaria seriam responsáveis por possuir antigos conhecimentos sobrenaturais que seriam passados para seus membros. Mesmo as organizações de Hund e Starck não existirem mais, ainda há forte presença do templarismo em algumas instituições maçônicas e não maçônicas.

O historiador Philippe Joserand, no artigo intitulado “Os Templários na França: entre História, Patrimônio e Memória”, debate a presença dos vestígios dos Templários

ainda estão presentes na contemporaneidade, tanto por meio dos vestígios materiais das antigas propriedades dos Templários quanto pelas inúmeras lendas associadas aos Cavaleiros Templários. O autor afirma que, apesar dos historiadores e estudiosos do tema não aprenderem nada com essas histórias fantasiosas, elas não devem ser desdenhadas, uma vez que é necessário analisar a criação desses mitos. Ele aponta as contribuições de Hund e Starck para a formação do templarismo alemão e que também se espalha rapidamente pela França. Joserand também afirma que o século XIX faz com que a tradição de “maçonaria templária” se infiltrava na memória coletiva francesa, principalmente por meio dos autores românticos. É apontado nesse artigo que, “levado ao extremo, esse esoterismo encorajou reconstruções altamente questionáveis da História dos Templários” (Joserand, 2015. Tradução do Autor).

Portanto, a ideia da ligação entre a maçonaria e a Ordem Templária não passa de invenções criadas no século XVIII com o objetivo de conferir legitimidade a organização maçônica e também a enobrecer. É preciso entender que a ideia de as ordens guardarem conhecimentos antigos e segretos ainda persiste no imaginário, sendo replicado em obras de ficção e também utilizados em teorias de conspiração com ampla difusão em emissoras de televisão e na internet.

Knightfall: a Guerra do Santo Graal (2017-2019)

A série *Knightfall* foi criada por Don Handfield e Richard Reyner, tendo duas temporadas exibidas entre 2017 e 2019 pelo *History Channel*, canal de televisão paga estadunidense, popularmente conhecido pelos seus programas e documentários com temáticas históricas. A série possui duas temporadas, com 10 episódios na primeira temporada e 8 episódios na segunda. Com aproximadamente 40 minutos de duração, a série traz em seu enredo mostrar os anos finais da Ordem do Templo e, já em seu título, faz um trocadilho entre as palavras inglesas *Knight* (cavaleiro) e *fall* (queda) que se refere a o final da Ordem e sua eventual destruição.

Nos nomes relacionados à produção, não foram encontrados profissionais ligados à História, como professores universitários e historiadores. Os nomes são de pessoas ligadas a produções televisivas, como roteiristas, diretores e produtores. Segundo

Richard K. Popp, no artigo intitulado “History in Discursive Limbo: Ritual and Conspiracy Narratives on the History Channel”, ao tratar de narrativas históricas nos documentários produzidos pela emissora, é comum recorrer a depoimentos de estudiosos do tema e pessoas que são entusiastas, como jornalistas, autores autodidatas e pesquisadores não profissionais nos programas e igualar suas explicações sobre determinado tema, ou seja: a opinião de um especialista e a de um entusiasta são colocados como “iguais”, como se ambos estivessem no mesmo nível de discussão e produção acadêmica. Popp aponta a intenção de se criar um debate amplo, uma vez que “acadêmicos dialogam com acadêmicos, investigadores oficiais dialogam com investigadores oficiais e entusiastas de conspiração dialogam com entusiastas de conspiração” (Popp, 2006). Assim, a emissora dá crédito para aqueles que são curiosos e pesquisadores amadores com a intenção de criar um amplo debate para alcançar o público, mas ao fazer isso, permite a difusão de ideias com teor conspiratório e de pouco valor acadêmico. Portanto, na produção da série *Knightfall*, é possível acreditar ter acontecido processo semelhante, com os próprios roteiristas servindo como “historiadores”.

A trama principal mostrada na série são os anos finais da Ordem dos Templários e razões que levaram a perseguição aos Cavaleiros Templários. Apesar de algumas subtramas não interferirem na narrativa principal da série, elas fazem parte de determinadas “fórmulas” da produção hollywoodiana para cativar o público (romances entre os personagens principais, o embate entre heróis e vilões, uma batalha final de proporções épicas) amplamente utilizada no cinema para que renda bilheteria e o investimento dos estúdios possa ser pago. No caso das séries de televisão os arcos secundários servem para desenvolver personagens coadjuvantes e se comunicar com o público para gerar audiência para as emissoras.

A primeira temporada de *Knightfall* é focada na busca dos Templários pelo Santo Graal, que se pensou estar perdido depois da conquista de Acre em 1291. A Ordem dos Templários é aqui representada como uma organização que possui muito prestígio, porém, se encontra perdida de suas funções originais, uma vez que não houve uma Cruzada para recuperar a Terra Santa dos mamelucos, responsáveis pelo ataque derradeiro em Acre e pela queda dos Reinos Cristãos do Oriente, entre os anos de 1269

a 1291. Isso é evidenciado pelo ressentimento do personagem principal, Landry du Lauzon (interpretado pelo ator Tom Cullen), pela Ordem não ter participado de uma nova Cruzada. Por isso, após descobrir que o Santo Graal está em Paris, Landry começa a procurar pela relíquia para restaurar a fé dos cristãos e que uma nova Cruzada seja convocada. É possível perceber semelhanças entre o personagem de Landry e o personagem do Rei Artur, onde os dois empreendem uma busca pelo cálice sagrado. Isso pode ser confirmado pela presença de personagens com nomes dos cavaleiros das histórias arturianas, como Parsifal e Gawain.

A premissa da primeira temporada da série corrobora a visão templarista que traz os membros da Ordem do Templo envolvidos em segredos e conspirações e, também, como guardiões da relíquia Santo Graal. Phillipe Joserand aponta que na Europa e além dela, o público geral ainda possui uma fascinação pelos Cavaleiros Templários. Não apenas eles, mas também “a Idade Média, os cavaleiros, espadas e castelos” (Joserand, 2015). O autor argumenta que lendas e mitos de entradas e passagens secretas das fortalezas e castelos templários são alimentados ainda hoje na França, uma vez que muitos desses edifícios são encontrados em território francês, alguns bem conservados e outros, nem tanto. Em determinado momento da segunda temporada, é revelado que o Templo de Paris, quartel general da Ordem na França, possui uma passagem secreta que leva a um aposento que esconde o tesouro guardado ali. A série não mostra nenhum outro edifício com tanta relevância como o Templo de Paris, mas como esses cavaleiros protegiam uma relíquia tão importante e sacra quanto o Graal, é possível inferir uma série de estratégias e passagens para guardá-lo. A primeira temporada da série, pode gerar no público a impressão que a Ordem dos Templários realmente escondia segredos milenares que poderiam mudar o mundo, mesmo que somente o mundo cristão.

Landry se incomodava com a demora da Ordem e do papado em conclamar uma nova Cruzada para recuperar a Terra Santa. Havia a intenção de organizar uma nova Cruzada, mas “os planos que surgiram para a retomada da cruzada, depois da queda de Acre, foram bastante limitados e decepcionantes” (Partner, 1991). Para as ordens militares, era extremamente importante a retomada da Terra, pois, naquele momento, a reputação das ordens militares estava em xeque sendo, até mesmo, cogitada a ideia da fusão dos Templários e Hospitalários. Segundo Peter Partner:

A única cruzada com possibilidade de êxito seria alguma coisa nas linhas comandadas por São Luís, ou seja, uma força entre doze e quinze mil homens a cavalo, bem armados, e cinco mil a pé, recrutados secretamente para conservar a vantagem da surpresa.” (Partner, 1991, p.46).

Em outras palavras: era difícil recrutar uma força desse tamanho, além dos altos custos para a obtenção de recursos e mantimentos para manter toda a operação. Dessa forma, uma nova Cruzada era inviável. Na série, entretanto, o fato de não haver a convocação de uma nova Cruzada se deve à perda do Santo Graal, diminuindo o moral das tropas e, por isso, é necessário recuperá-lo para trazer um novo ânimo para a luta.

Outro elemento presente na narrativa que reforça o caráter enigmático e carregado de teorias conspiratórias da série é a presença de uma organização conhecida como Irmandade da Luz, composta por muçulmanos que também carregam a missão relacionada a proteção do Graal, semelhante à organização de mesmo objetivo presente no filme “Indiana Jones e a Última Cruzada” (Lucasfilm, 1989), uma vez que seus membros reconhecem que o Graal traria a destruição de todos e, por isso, não deve ter sua localização revelada. Essa organização aparece apenas na primeira temporada e, em suas poucas aparições, seus membros tem conflitos com os Templários. Ao final da temporada, descobre-se que o Papa desejava o Santo Graal para atingir interesses próprios, e para descobrir a localização da relíquia, o Sumo Pontífice infiltra agentes na Ordem dos Templários para o manter informado dos passos dos cavaleiros. Nesse momento, os Templários e a Irmandade da Luz se unem para derrotar o inimigo em comum.

A vestimenta dos Templários, no entanto, evidencia comprometimento com os detalhes. As vestes templárias aparecem de duas maneiras, a depender da situação: o traje utilizado em batalha que consiste em: manto com a cruz vermelha na região do peito, cota de malha e luvas de couro. Alain Demurger afirma que os estatutos e regras das ordens de cavalaria buscavam dar um enfoque nas roupas para evitar quaisquer itens supérfluos, pois elas seguiam a “lição de São Bernardo que opunha a simplicidade do aspecto do novo cavaleiro (o templário) aos trajes ridículos da cavalaria secular.” (Demurger, 2002).

Assim sendo, a vestimenta utilizada pelos Templários para a batalha evidencia a simplicidade exigida pelos estatutos templários, conferindo apenas o necessário para a

proteção durante o combate, como a cota de malha e o cinto para a espada. O uniforme atende as necessidades de batalha, garantindo aos Templários a mobilidade e a agilidade necessária para o combate e reforça a identidade militar da organização, mostrando a prontidão do Templário para o combate a serviço de Deus.

O segundo uniforme utilizado é o hábito branco com a cruz e a capa. Na série de televisão, esse hábito aparece nos momentos do cotidiano, quando os cavaleiros se encontram no Templo de Paris ou em capelas e igrejas. O uniforme preza pela simplicidade, não exibindo sinal de luxo, distinção e ostentação. A vestimenta dos Templários é baseada nos trajes cistercienses e, por isso, tem a cor branca. O autor afirma que a escolha da cor do manto não reflete valores como bem e mal, luz e trevas. As cores dos mantos das ordens militares estão relacionadas às influências das ordens religiosas; branco para os Templários e negro para os Hospitalários. Segundo Demurger, o padrão das cruzes utilizadas nos mantos poderia variar e apresentar formas distintas, como “a cruz grega simples, cruz pateada, cruz de âncora, cruz floronada” (Demurger, 2002).

Na série existe uma distinção entre as roupas do Iniciados e dos servos em relação aos Cavaleiros Templários. Os Iniciados e os servos utilizavam mantos de cor preta. Peter Partner explica que:

Abaixo do posto de cavaleiros do Templo, cujo número foi sempre pequeno, havia outra classe, de “sargentos” ou irmãos servos, que usavam armas e cavalos, mas vestiam mantos marrons ou pretos, e não brancos. (...) O Templo simplesmente seguia as graduações comuns da sociedade feudal, como o fez também ao criar a categoria ainda mais inferior de “escudeiros”. (Partner, 1991, p. 22).

Um personagem que representa o grupo dos Sargentos é Draper (interpretado por Nasser Namarzia), um muçulmano convertido ao cristianismo para servir na Ordem dos Templários. Em determinado episódio, ele conversa em árabe com um membro da Irmandade da Luz. Os sargentos, segundo Alain Demurger, eram divididos por um critério profissional: os sargentos das armas que lutavam a cavalo e os sargentos de ofício que cuja função, apontada por Demurger, era “exploração dos domínios” (Demurger, 2002). Na série, é enfatizado o lado bélico dos Templários, não mostrando nenhum membro executando funções de plantios e de colheita. Os Iniciados, ou seja, aqueles em processo de receber os votos da Ordem, são encarregados de funções como

cuidar de estábulos e cavalos, distribuir o pão para os pobres, e auxílio dos sargentos e armeiros.

No fim da primeira temporada, há a descoberta do Graal e dos verdadeiros objetivos do Papa em relação ao objeto sagrado, Landry se reúne com o Grão Mestre Jacques Demolay (interpretado na primeira temporada pelo ator Robert Pugh), líder da Ordem do Templo, para organizar as forças templárias para lutar contra o Papa Bonifácio VIII. Enquanto isso, a relação de Landry e a Rainha Joana é descoberta e a amizade com o rei é desfeita, que reúne um exército mercenário para lutar contra os Templários e matá-los, especialmente a Landry, em represália pela sua traição. Uma luta sangrenta entre Landry e o exército mercenário acontece e, logo em seguida, as tropas reais aparecem, diminuindo as chances de vitória dos Cavaleiros Templários. Um duelo ocorre entre os dois e, em um momento de fúria, o Rei Filipe esfaqueia a Rainha Joana. Reforços trazidos pelo Grão Mestre Demolay chegam para ajudar os Templários de Paris Para salvar Joana, Landry a faz beber do cálice sagrado, mas ela sucumbe aos ferimentos. Irado, Landry arremessa o cálice em uma árvore, quebrando-o. Em seguida, ele percebe que o bebê que Joana esperava está vivo e Draper realiza uma cesariana. A primeira temporada se encerra com a Rainha sendo sepultada junto com outros Templários que pereceram na batalha e o Graal despedaçado. Um Templário que parece ser o segundo em comando de Demolay descobre uma lista de nomes guardada no cálice e a engole, deixando um gancho para uma eventual segunda temporada.

A narrativa contada na primeira temporada é marcada por elementos de fantasia, que pode reforçar teorias de conspiração envolvendo as supostas relações entre os Templários e o Santo Graal. Essa relação não é novidade nos produtos midiáticos; como exemplificado no livro **“O Código Da Vinci”**, do autor norte-americano Dan Brown, e na sua posterior adaptação dirigida por Ron Howard e estreado no ano de 2006. Reforçar essa ligação entre a Ordem do Templo e a busca por objetos sagrados como o Santo Graal molda a percepção do espectador e o leva a crer que os Templários tiveram algum contato com a relíquia lendária e, em algum momento, explicaria a sua rápida ascensão e acúmulo de riquezas. Richard K. Popp, utiliza o argumento de Richard Hofstadter que a aproximação de teóricos de conspiração e a História cria uma “gigantesca e sutil máquina de influência que colocada em movimento mina e destrói

um estilo de vida” (Popp *apud* Hofstadter, 2006). A História acaba por ser moldada por esses teóricos de forma a gerar a compreensão que a História é movida por aquilo que Popp chama de “força onipresente e agentes extra históricos” (2006). Portanto, a primeira temporada da série termina por reforçar uma visão que não contribui para uma compreensão histórica da Ordem dos Templários. Pelo contrário: mostrariam para o público certo grau de veracidade das inúmeras teorias de conspiração que circulam em livros e na internet. Produções desse tipo podem influenciar o público e é necessário que se entenda que produções como a série *Knightfall*: A Guerra do Santo Graal se trata de uma obra de ficção e que possam ir atrás de informação de historiadores e especialistas da área, seja por meio de artigos, *podcasts*, palestras e livros.

Na segunda temporada, os ganchos deixados ao final da primeira temporada relacionados aos segredos do Graal são abandonados, focando no conflito entre o Reino de França e os Cavaleiros Templários. Há a entrada de novos personagens, como o Príncipe Luís, filho mais velho de Joana e Filipe e herdeiro do trono francês e o Mestre Templário Talus, membro veterano da Ordem do Templo e responsável pelo treinamento dos Iniciados. Há também a participação de um membro da Ordem de São Lázaro, ordem militar de cavaleiros leprosos. Os temas relacionados à fantasia e às conspirações dão ênfase ao treinamento dos Templários e mostram os eventos finais da Ordem. Porém, ressalvas precisam ser feitas: a primeira delas diz respeito ao motivo que leva o Rei Filipe IV de França a querer destruir a Ordem do Templo: o relacionamento de Landry e a Rainha Joana. Furioso com os acontecimentos da temporada anterior, ele deixa de ser um monarca inseguro e se torna um personagem amargo e determinado a se vingar de Landry e destruir a Ordem dos Templários. Dessa forma, ele é levado a destruir a Ordem do Templo por motivos pessoais e não por motivos financeiros e frustração pela recusa da união das Ordens Militares dos Templários e Hospitalários. Esses últimos, inclusive, não chegam a aparecer na série e nem são citados. A única ordem monástico-militar mostrada na série foi a Ordem de São Lázaro, no episódio 4. Essa ordem era composta por cavaleiros que sofriam de lepra, uma vez que nos arredores de Jerusalém, havia um leprosário colocado “sob a invocação de São Lázaro” (Demurger, 2002). Com a presença de muitos cavaleiros membros de outras ordens militares, é possível que assim tenha surgido a Ordem de São Lázaro. A presença dos

cavaleiros leprosos da Ordem de São Lázaro é positiva, pois traz uma ordem desconhecida do grande público, quebrando a ideia do senso comum que existia apenas as ordens dos Templários e Hospitalários.

Nessa temporada também há a chegada do Príncipe Luís (interpretado pelo ator Tom Forbes) que ganha grande destaque na trama, ajudando o Rei Filipe IV na destruição do Templo. O personagem de Luís é leal ao pai e se alia a ele nos planos de vingança contra Landry e a Ordem do Templo, uma vez que é dito a que os membros do Templo assassinaram sua mãe de forma deliberada. No decorrer da série, Luís percebe que está sendo usado e, no último episódio, abandona o pai, após este permitir que sua esposa morra em cativeiro por um suposto crime de adultério. Ele também se mostra pressionado para se deitar com sua esposa para gerar um herdeiro para o trono francês. Seu pai, por estar amargurado com a traição da esposa, sugere que a esposa de Luís pudesse traí-lo, envenenando o príncipe e contribuindo para suas tramas secundárias.

O personagem Talus (interpretado pelo ator Mark Hamill, famoso por interpretar o personagem Luke Skywalker da franquia *Star Wars*) é encarregado do treinamento dos iniciados e os treina com severidade e disciplina, de modo que os Cavaleiros estejam sempre prontos para o combate. A coragem dos Templários no campo de batalha é muito conhecida, assim como sua organização em batalha. Demurger afirma que não conhece sobre o treinamento dos Templários, mas em relação a organização na guerra, ele explica que:

Em tempos de guerra, os templários adotavam um comando distinto da organização normal da ordem. O mestre mantinha a preeminência, mas o marechal se tornava o comandante-em-chefe. Sob suas ordens, o submarechal se ocupava das armas; o *turcoplier*, dos *turcoples* e dos sargentos; o gonfaloneiro, dos escudeiros. Os irmãos eram então dispostos em “escala” ou “esquadrão”, montando ainda cavalos ordinários, mas já vestindo armadura. Escudeiros, colocados à frente dos cavaleiros, levavam espadas e lanças, ao passo que outros, mais atrás, conduziam os *destriers*, ou cavalos de batalha. A formação em esquadrão era específica da época de guerra, o esquadrão ficando disposto em escala durante os deslocamentos, ou em linha quando, no campo de batalha, o exército se preparava para atacar. (Demurger, 2002, p.115).

Assim, o exército templário mantinha uma rígida organização e designavam funções nos tempos de guerra. Demurger explica também que os Templários possuíam condutas específicas em tempos de paz e em tempos de guerra. Em *Knightfall*, essa organização e ferocidade no combate podem ser vistas em alguns episódios da série,

tanto na primeira quanto na segunda temporada. Vale lembrar da fala de Godfrey no primeiro episódio, durante a defesa de Acre, onde ele ordena aos Templários tirar as vidas necessárias, mas nada mais que isso. Em outras palavras, eles não deveriam matar de modo a fazer um massacre deliberado. As vidas que eram tiradas eram justificadas, já que se tratavam de infiéis que iam contra a Igreja Católica. Nas batalhas, os Templários “a elas entregavam-se com maior temeridade, confiando no apoio do Senhor e sem recear a morte que escancarava as portas do Paraíso” (Demurger, 2002). Os Templários também ocupavam e guarneciam castelos e fortalezas na Terra Santa para cumprir sua missão de proteger os peregrinos. Essa guarnição poderia conter tanto os cavaleiros Templário quanto os turcopolos, soldados locais da região de Jerusalém.

Talus é severo com os iniciados e mais ainda com Landry que é expulso da Ordem, mas, com a interferência de Tancrede, amigo leal e companheiro de armas de Landry, e do Grão-Mestre Demolay, retorna como um iniciado. Como informado, o treinamento dos iniciados é desconhecido, mas a série mostra diversos exercícios que enfatizam a disciplina para o combate, o trabalho em grupo, a obediência, a resistência física e a humildade. Landry se une verdadeiramente aos irmãos iniciados, de modo a criar um laço fraternal e de amizade.

A série acerta ao mostrar essa aproximação com documentos reais, dando certo respaldo historiográfico aos eventos mostrados na atração televisiva. Mesmo não encontrando na produção pessoas especialistas em História, a segunda temporada traz eventos que são mais críveis, sem apelar para esoterismos e fantasias, como na primeira temporada. A série trata algumas suposições da História como realidade, como o fato de o Papa Bonifácio VIII, ainda como Padre Benedetto Gaetani, ter perseguido e levado a fogueira os pais de De Nogaret, que eram cátaros (grupo considerado herege e alvo de uma cruzada entre 1209 e 1244) levando o conselheiro real a tomar uma posição reticente a religião e conspirar contra o Papa. Peter Partner não dá certeza desses fatos na vida de De Nogaret, apenas a supõe devido ao anticlericalismo do conselheiro do rei.

Como afirmado anteriormente, a escolha do novo Papa acontece rapidamente e sem muitos detalhes. O Cardeal fica sabendo da morte do Papa Bonifácio VIII e, no episódio seguinte, ele já aparece como Papa Clemente V. A série não informa nenhum detalhe de seu conclave ou de outros candidatos ao Trono de São Pedro. Isso pode levar

ao telespectador a pensar que os caminhos que levaram a destruição da Ordem dos Templários foram percorridos em poucos dias ou semanas. A série falha ao apressar esses eventos, mas como isso acontece na metade da segunda temporada (entre os episódios 4 e 5), penso ser preciso “acelerar” o enredo de modo a ter tempo suficiente para que os momentos finais do Templo fossem o foco dos episódios finais da série. Apesar de acertos, a série erra de não explicar ao telespectador que os Templários deveriam ser subordinados apenas ao Papa em Roma, por isso, a necessidade de o rei francês ter o controle do líder da Igreja Católica para conseguir o objetivo de destruir a ordem dos monges cavaleiros.

Os sete anos de duração do processo do Templo são resumidos em apenas uma noite. Jacques Demolay, morto em 1314 em uma fogueira no rio Sena segundo a historiografia e dois anos após a extinção do Templo pela Bula Papal *Vox in Excelso*, é o primeiro Templário a ser morto após a prisão na série. O rei prepara uma grande fogueira na praça de Paris e executa o Grão Mestre da Ordem na mesma noite. Os Templários sobreviventes são torturados para confessar seus crimes de heresia e assassinato e revelar a localização dos tesouros da Ordem para enriquecer o rei. A série também traz as acusações de heresia por, supostamente, adorar ídolos e a figura de “Baphomet”. Na atração televisiva, o plano é concebido pelo ex-Templário Gawain para dar um motivo final para a destruição dos Templários. O ex membro informa ao conselheiro do rei que os Templários veneravam não só a Deus, mas também, o fundador da Ordem, Hugh de Payens, que fora elevado a um patamar místico. Quando os Templários são levados a presença do rei e do Papa, antes da execução de Jacques Demolay, um dos iniciados, Kelton Fitz Laval (influenciado por De Nogaret) confessa que na iniciação do Templo havia práticas heréticas, como cuspir na cruz, negar a Cristo e adorar uma criatura que tinha um crânio de prata de duas faces. Assim, a conspiração do rei da França para destruir a Ordem estava completa: as acusações de heresia somadas às notícias dos crimes cometidos por Luís e seus homens, enquanto se disfarçavam de membros da Ordem, faz com que as prisões e perseguições sejam validadas pela população. A confissão do cavaleiro Kelton era a prova necessária para a condenação da Ordem. Durante o processo, muitos Templários confessavam os crimes pelos quais foram acusados durante as sessões de tortura e os membros da Ordem não

conseguiram se defender apropriadamente do processo e, mesmo se o fizessem, havia muitas “provas” contrárias a eles. A série aborda a acusação de heresia de uma forma fiel; mostrando as acusações imputadas aos Templários e a suposta adoração de ídolos e, mesmo que as circunstâncias da prisão dos Templários e a rapidez na sua condenação, aponta para a principal acusação sofrida pelos Templários. Mesmo errando em muitos aspectos, a série conseguiu acertar trazer aproximações entre os fatos narrados pela historiografia.

A segunda temporada é diferente da primeira, tanto na produção (parece mais modesta e focando na luta dos Templários e os soldados franceses), quanto na aproximação com as fontes que descrevem o processo dos Templários. Abandonam as teorias de conspiração e assumem uma trama mais crível. Os motivos para as acusações feitas pelo Rei da França são debatidos pela historiografia, mas não se tratou de uma vingança pessoal devido a uma traição amorosa. Apesar da aproximação com a historiografia, a série não consegue mostrar para o público que a complexidade das causas da ruína do Templo e iniciada anteriormente aos eventos mostrados na série, uma vez que as ordens militares já não gozavam do prestígio de outrora, desde a Queda da cidade de Acra. Portanto, existência dessas ordens já eram discutidos na Europa, como apontam historiadores como Alain Demurger e Peter Partner. A realização de uma nova Cruzada naquele momento era inviável e, por isso, os reinos cristãos no Oriente nunca foram recuperados. Esses fatores influenciam na perda da reputação das ordens militares como um todo, não apenas os Templários, porém, apenas estes são acusados de crimes terríveis, tem seus bens confiscados e são destruídas. Outras ordens, porém, são mantidas e existem até os dias de hoje.

Conclusão

Knightfall: A Guerra do Santo Graal traz uma representação positiva da sociedade medieval, pois há momentos em que são mostrados jantares entre o rei e os nobres, contando com a presença de músicos, artistas circenses e dança. Isso ajuda a quebrar a ideia de uma sociedade medieval marcada por atrasos, guerras e doenças. As relações entre o Estado e a Igreja Católica ajudam a compreender quão complexos eram os jogos de poder e que o poder real e o poder eclesiástico poderiam se aliar contra um

inimigo comum ou para decidir alguma questão de interesse mútuo, não insistindo na ideia que a Igreja Católica controla tudo e que era uma instituição dominante e absoluta na Idade Média.

No entanto, a série reforçar o caráter esotérico da Ordem do Templo, principalmente pelas circunstâncias da sua extinção. Colocar os Templários como guardiões de relíquias sagradas reforça o caráter enigmático e cheio de segredos presentes nos ideais templaristas do século XVIII e XIX, afastando os Templários da discussão histórica e os colocando como uma curiosidade que é marcada pela fantasia e pelas lendas. A partir do entendimento da leitura realizada pelo público, pode-se buscar como são entendidos outros conceitos, como Cruzadas, a sociedade medieval, a relação entre a Igreja Católica e coroas europeias, entre outros. Analisar uma série como *Knightfall* não tem como objetivo apontar os diversos erros históricos presentes na obra de ficção, mas entender qual a imagem da ordem militar e da sociedade medieval está sendo realizada e como o público a recebe, constrói e discute essa memória

Referências

- Demurger, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média* (séc. XI-XVI). Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- Eloi, Arthur. *Knightfall e Projeto Livro Azul são cancelados pelo canal History*. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/knightfall-projeto-livro-azul-canceladas>. Acesso em 19/04/2025
- Ferro, Marc. Coordenadas para uma pesquisa. In: Ferro, Marc. *Cinema e História*. Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992. P. 13-19.
- Internet Movie Database. *Knightfall: A guerra do Santo Graal*. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt4555364/?ref=rv_i_tt. Acesso em 12/04/2025.
- Internet Movie Database. *Robin Hood: A Origem*. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt4532826/?ref=nv_sr_srsg_0_tt_8_nm_0_in_0_q_Robin%2520Hood. Acesso em 12/04/2025.
- Internet Movie Database. *O Código Da Vinci*. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt0382625/?ref=nv_sr_srsg_0_tt_8_nm_0_in_0_q_C%25C3%25B3digo%2520da%2520Vinci. Acesso em 19/04/2025.
- Joserand, Philippe. The Templars in France: Between History, Heritage and Memory. In: Costa, Ricardo da., Salvador González, José M/., (orgs). *Medieval and Early Modern Iberian Peninsula Cultural History: Cultura em la Peninsula Iberica Medieval y Moderna* (siglos XIII-XVII). Mirabilia Journal, nº 21, 2015/2. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/21-24.pdf>. Acesso em 11/04/2025.

- Junior, Hilário Franco. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- Macedo, José R. Introdução Cinema e Idade Média: Perspectivas de Abordagem. In: Macedo, José R., Mongelli, Lênia M. (orgs). *A Idade Média no Cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- Maçon. In: Dicionário Escolar Francês. Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-frances/busca/frances-portugues/ma%C3%A7on/>. Acesso em: 24/03/2025
- Ottati, Rafael D. G., Filho, Mario Marcio. Somos bárbaros, guerreiros, magos e feiticeiros: A Idade Média Revisitada nos Games. *Revista ComparArte*. Volume 1, Número 1, Jan-Jun 2017.
- Partner, Peter. *O Assassinato dos Magos: os templários e seu mito*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- Popp, Richard K. History in Discursive Limbo: Ritual and Conspiracy Narratives on the History Channel. In: *Popular Communication: The International Journal of Media and Culture*. Volume 4, N° 4, p. 253-272. 2006.
- Redação ABC da Comunicação. *Canais History, A&E, History 2 e Lifetime batem recordes de audiência no primeiro trimestre*. Disponível em: <https://www.abcdacomunicacao.com.br/canais-history-ae-history-2-e-lifetime-batem-recordes-de-audiencia-no-primeiro-trimestre/>. Acesso em: 19/04/2025.
- Rosenstone, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. Tradução: Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 27/06/2025
Aprovado em: 17/09/2025